

# J

FUGAS | Público N.º 11.738 | Sábado 18 Junho 2022

## Cabril

### O Gerês de corpo inteiro

#### Protagonista

Max Graham anda a promover o vinho e a comida portuguesas em Londres

#### França

Há novas atrações no parque Futuroscope

## Gerês

● “Para mim, era um parque temático.” Paula Oliveira viveu os “momentos mais felizes” da sua infância “aqui”, em Cabril, terra da mãe, dos avós maternos. Nasceu em Lisboa e vinha de férias com a avó, que também estava na capital. “Andava sempre com a minha avó”, conta, “visitava as amigas com ela, ajudava no campo com ela”. Fazia, diz entre risos, “muitas cicatrizes, marcas para a vida”. Até o pai “alfacinha” (e “fadista, boémio e gingão”) a uma certa altura se deixou cativar por estas paragens do Parque Nacional da Peneda-Gerês (PNPG). A família mudou-se para Cabril durante uns anos e ele integrou a Trote Gerês - Cooperativa de Ocupação de Tempos Livres, fundada em 1987, já focada na prestação de serviços em alternativa ao turismo de massas, em equilíbrio com o património natural e cultural. Décadas depois, muitas voltas na vida, Paula, 44 anos, haveria de regressar a Cabril e fazer do património natural e cultural da região o seu modo de vida.

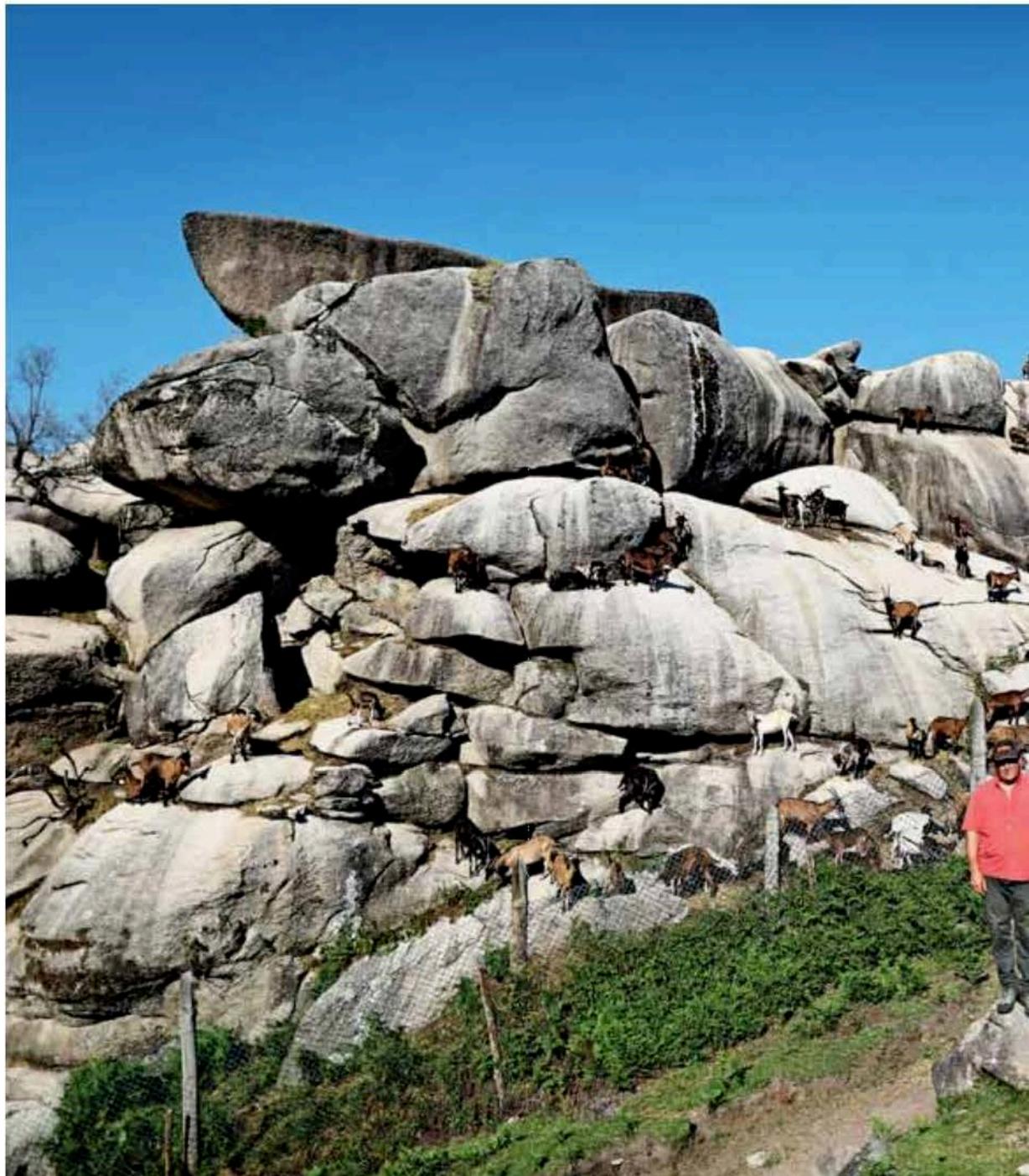
Regressou com um projecto de animação turística, conta, “tinha formação de guia em espaço rural”. O problema, prossegue, é que não havia alojamento em Cabril. “Estava aqui e ninguém sabia que existia”, diz - a solução foi criar um alojamento. Na mesma casa, onde, no Lugar da Vila (também conhecido por Vila de Cabril), nasceram a mãe e a avó, entretanto, reconstruída (“era um casebre quase medieval”, com “a corte em baixo”): em cima, fez uma casa de hóspedes; no rés-do-chão, o seu espaço de trabalho, “já pequeno”.

Quando instalou a oficina, a ideia era “documentar o ciclo do linho e da lã” e criar uma “experiência de turismo criativo” - os visitantes “vinham e aprendiam o processo” e ela ficava menos dependente de actividades estívais. “Mas, depois, juntei o mate-

rial todo e fui aprendendo a trabalhar” - fez até um curso de sementeira. “Pé ante pé” chegou até à recentemente criada marca Roca Viva, “tecidos, fios e peças cem por cento *made in Cabril*” (e à necessidade de um espaço maior). Uma bifurcação da sua ideia original, a que há nove anos (chegou com um plano para quatro - “não sabia se iria adaptar-me”) a trouxe de volta, o projecto de animação turística Cabril Eco-Rural.

É neste que cabe o que agora nos mostra (e demonstra), o ciclo do linho - não vamos ao linhar (mas no campo ao lado da casa costumava haver um) nem às poças de linho (no rio Cabril, que corre já ali em baixo, “costumava haver várias, pertenciam a diferentes famílias”) - desde que se “arrinca”, como se diz por aqui, até estar pronto para o tear, através dos vários utensílios tradicionais, uns recuperados, outros réplicas feitas de propósito para ela. Apenas a roca foi recentemente trocada por uma roda de fiar - “é amiga das senhoras”, brinca, “fiar à mão é muito complicado”. E moroso. A roda, ao invés, “é super-rápida” e “não deixa de ser artesanal” - pés no pedal, dedos, “húmidos”, no fio: poupam-se horas e o produto final fica “mais acessível”.

Sobre o linho, publica este sábado o livro infantil *Dois Sementes* (às 15h, no Espaço Padre Fontes, em Montalegre), e continua a fazer visitas guiadas temáticas. Incluindo uma cujo mote é o Caminho Cultural de Cabril - quando a encontramos fizera a primeira na semana anterior, “com dois canadianos e um marroquino que estavam alojados no Hotel Gerês”: queriam “ter uma experiência mais cultural dentro do PNPG”, refere, “e até estavam a pensar no Soajo”. Receberam em troca um percurso com oito paragens de autocarro e um reservatório de água para nove ofícios tradicionais e actividades de



# Cabril



Cabril representadas visualmente pela mão de diferentes artistas plásticos. “Fizemos uma abordagem ao modo de vida de Cabril. Este caminho das paragens ainda nos diz como se vive aqui”, explica. E “aqui” “não é o Gerês mais conhecido, não se associa Cabril ao Gerês”. Ainda que toda a freguesia do concelho de Montalegre - 15 aldeias, e 77 km2 de área - esteja inserida no PNPG.

#### Na serra: vezeiras e carrejadas

Foi o presidente da Junta de Freguesia de Cabril, Márcio Azevedo, quem teve a ideia de dar outra vida às paragens de autocarro - e, simultaneamente, homenagear a gente da sua terra e as suas traduções. “Já andava com a ideia na cabeça e um dia

conheci a curadora [Susana Antão, ilustradora], em São Lourenço [uma das aldeias], estava de férias”, recorda, “disse-me o que fazia e eu propus ‘e se pintasses?...’”. Meses depois, já com a ideia bem “apurada”, contactou Susana Antão. “Expliquei o que pretendia”, diz, “e mandei fotos a representar o que queria. Eles [artistas] mandavam as propostas e eu aprovava” (ou não).

O Caminho Cultural de Cabril foi inaugurado no início de 2022 e é composto de “pinturas figurativas” que se distribuem pelos lugares de Lapela, Azevedo, Xertelo, Chelo, São Lourenço, Vila de Cabril, Pincães, Fafião, permitindo um percurso que “atravessa toda a freguesia”. É o que pretende Márcio Azevedo, “o ideal é que se comece numa das pontas e se vá até à outra”. Nós fomos indisciplinados e

começámos mesmo no Lugar da Vila, ou seja, mesmo no centro da freguesia, a poucos metros da casa onde Paula Oliveira tem o seu atelier - e na paragem que “explica” o nome Cabril, corruptela do latim *caprile* (curral de cabras): desde tempos imemoriais aqui se faz pastorícia com a criação de cabras e o que vemos representado é a vezeira das cabras (ou rés).

Na página *web* da Câmara Municipal de Montalegre, Cabril é apresentado como “um mosaico de pequeninas povoações ao longo das encostas abrigadas que descem sobre os rios”. Perdemos a conta às vezes que subimos e descemos encostas, contornamos montes, olhando para uma paisagem que ora descansa em leiras verdes e “tufos” de bosques, ora se arrebatava para o céu em rochas e urze, como num quadro impressio- ➔

# exibe tradições e, pelo caminho, dá-nos natureza

Eram paragens de autocarro, agora são também montras para ofícios e actividades tradicionais de Cabril. Um pretexto para atravessar a freguesia e aprender o seu modo de vida, ao mesmo tempo que se descobrem as maravilhas naturais neste canto do Parque Nacional da Peneda-Gerês. *Andreia Marques Pereira (texto) e José Sérgio (fotos)*

# Gerês



**No plano anterior:** Domingos Gonçalves e as suas cabras, em Pincães; e Paula Oliveira a recriar o ciclo do linho

**Neste plano:** a vezeira das vacas representada na paragem de Chelo; José Miranda na cozinha de sua casa; e uma manada nas ruas de Xertelo

nista. É por um destes quadros que seguimos em busca “das cabras do Freiria”, anunciam-nos.

Percorremos os mesmos trilhos da Grande Rota 50, que atravessa todo o parque nacional, atravessamos uma pequena ponte de pedra sobre o rio Pincães (vem em rebuliço, descendo o leito rochoso) e subimos até ao póio de Pincães, que sobressai entre o granito vizinho - a pedra neste afloramento está mais branca, “pelo ácido da urina dos animais”. Cada aldeia tinha o seu póio, que é um aglomerado de rochas que serve de protecção natural das cabras contra os lobos durante a vezeira - uma prática comunitária de junção dos



rebanhos de uma aldeia para serem pastoreados em terrenos comuns (baldios, que em Cabril são dez mil hectares). Em Pincães já não há vezeira de cabras porque só o Freiria, melhor, Domingo Gonçalves, ainda tem cabras - “comecei com elas, vou acabar com elas”, sentencia. Desde que se lembra, “com cinco, seis

anos”, toma conta de cabras; aos 11, já tomava conta da vezeira, na altura “300 e tal”. Agora tem 185 cabras, dois cães e uma rotina que começa bem cedo de manhã (“venho botá-las e fico até às 11h”) e termina ao final do dia - regressa por volta das 18h para que as cabras saiam do póio e comam nas redondezas. Às vezes é

substituído pelo filho que estuda engenharia agrónoma em Vila Real e é pastor no tempo livre.

Domingos abre a cancela, mas, talvez pelas presenças inesperadas, as cabras não mostram vontade em mover-se - “se vier outra pessoa abrir e as chamarem não saem, porque estranham a voz”. Soltam-se assobios,

grita-se “anda, anda” e o rebanho põe-se em marcha, cada vez mais desabrida, pelas encostas, levantando poeira. Durante os meses quentes, dormem aqui no póio, no Inverno regressam diariamente à aldeia, “demoram meia hora a chegar a casa”.

Durante 19 anos, Domingos, 57 anos, esteve no Luxemburgo, como tantos outros destas paragens, ouviremos. Regressou há 17 anos, para as cabras e para “a agricultura em geral”, incluindo vacas, sublinha, “que já estão lá em cima, mesmo no coração do Gerês”. Foram a 1 de Maio, em vezeira, como manda a tradição, mas “este ano não há vezeiro”, conta, “são os donos que têm de ir lá acima ver onde andam”. E andam muito: “Percorrem a serra toda, até Lobios [Galiza], vão andando e comendo”.

As vezeiras, sejam de vacas ou de réis (cabra), são das tradições comunitárias mais arraigadas nestas paragens duras. A transumância estival marcava o ritmo colectivo das aldeias: durante o Inverno, os animais permaneciam na aldeia, dormiam no rés-do-chão das habitações (cortes), providenciando também calor, e pastavam nas proximidades; a partir de Abril iam para a serra (primeiro as cabras, depois as vacas e, finalmente, os bois) de onde voltavam a 29 de Setembro - os vezeiros, os proprietários que se revezavam a pastorear segundo regras fixas transmitidas de geração em geração, dormiam nos abrigos de montanha.

A vezeira das vacas está plasmada nas suas paragens de autocarro em dois andamentos, digamos: em Chelo (por Luísa Crisóstomo), representa-se o início da vezeira, com o chamamento (com um “corno”) para que todos os proprietários reúnam os rebanhos, e segue-se serra acima pela encosta de Taboucinhas; em Fafião (Pedro Lourenço) encontra-se o pastoreio nas alturas da serra. Por estes dias estão 750 animais na serra - sem vezeiro a acompanhá-los em permanência, mas sempre com uma pessoa a ir todos os dias ver como estão.

A serra era também o local onde se semeava o centeio, a cerca de 1200 metros de altitude, aproveitando este vaivém de animais e gente: a sementeira era em Setembro, antes da descida, com ajuda dos animais; no Verão seguinte vinha a segada (o corte), depois a malhada e no final a carrejada - o transporte de tudo, alfaias agrícolas, semente, palha e colmo para a aldeia. As “carrejas” deixaram de fazer parte do quotidiano de Cabril há quase meio século, mas o prémio EDP Tradições permitiu dar-lhes nova vida - que é também uma forma de promover o turismo, nota Márcio Azevedo, presidente também dos Baldios de Cabril, entidade responsável pela iniciativa, sobretudo o “da saudade”, com os emigrantes que

regressam no Verão e reencontram as tradições da sua meninice. Em Agosto (em data ainda a marcar), subir-se-á à serra para novamente fazer a segada, a malhada e a carrejada, numa grande celebração - e o reservatório de água, no Lugar da Vila, enche-se de figuras que retratam cada uma dessas tarefas colectivas, num obra também ela colectiva.

### Turismo: ver para crer

Num canto de Trás-os-Montes encostado ao Minho (o rio Cávado é a fronteira natural), Cabril não escapou ao êxodo rural que varreu o país nos anos de 1960. Se “culturalmente é muito rico, porque recebe influências das duas regiões”, nota Márcio Azevedo, o isolamento foi intenso. Durante muitos anos, os caudais de Inverno “eram grande bloqueio à vida, não se passava”: com a construção das barragens chegaram estradas e pontes que ajudaram a superar o enclausuramento natural, mas não evitaram que a população se fosse. Restam “cerca de 600 pessoas na freguesia”, aponta o presidente da junta, sendo que algumas “têm só nove, oito habitantes” - Fafião tem cem; Xertelo tem seis.

Por isso, muitas das actividades que outrora tinham grande predominância na economia de Cabril agora estão reduzidas à subsistência. O caso do azeite, por exemplo, cujo ciclo está ilustrado em São Lourenço (por Bruno Santos, “Mantraste”): dos sete lagares que existiram na freguesia - “produziam-se milhares e milhares de litros de azeite” -, sobram dois, usados para actividades várias. “Agora só se faz azeite para auto-consumo”, afirma Márcio Azevedo, “já não traz rentabilidade”. O mel, em compensação, parece permanecer forte, se atendermos à quantidade de colmeias pelas quais passamos, em sítios mais ou menos acessíveis. Só já não se usam as silhas de antigamente (retratadas em Pincães, por Miguel Brum), construções de pedra circulares e de paredes inclinadas destinadas a manter os ursos longe dos cortiços e que agora são ruínas. De resto, existem “aí uns 40 apicultores” em Cabril, produzindo mel de urze, sobretudo.

O milho na freguesia (a recolha deste está plasmado em Azevedo, por Carolina Correia) pode já não ser na mesma quantidade de antes, mas continua a plantar-se e a ter direito a comida especial para o momento - “cabra ao modo tradicional”, cozinhada “nas vindimas e nas vessadas [sementeiras]”. Quem nos conta é José Miranda, que veio de Braga, onde vive, à casa dos avós paternos para nos mostrar as cozinhas de antanho - há duas semanas tiveram a vessada do milho, os potes que vemos no meio da cozinha tradicional esti- →

  
QUINTA DO  
CRASTO  
SINCE 1615



HERITAGEWINES.PT

# Gerês

Em Cabril, mandam as paisagens arrebatadoras e um modo de vida ainda muito ligado à agricultura e pastoreio. O Ciclo do Linho, por exemplo, é retratado no projecto de animação turística Cabril Eco-Rural



O alojamento em Cabril é maioritariamente composto de casas de turismo de habitação e alojamento local. Acresce um *hostel* e um parque de campismo. A Fugas ficou na Casa da Cascata.

### Casa da Cascata

Pincães

<https://geres-casas-da-aldeia-cabril.pt>



### Restaurante Ponte Nova

Rua 25 de Abril, 30  
Lugar de Vila - Cabril

Tel.: 253 659 882

[www.facebook.com/rest.ponte.nova](http://www.facebook.com/rest.ponte.nova)

### Restaurante Hostel

#### Retiro do Gerês

Largo da Sobreira do Chão, 1  
Fafião - Cabril

Tel.: 966 406 084

[www.facebook.com/retirodogeres](http://www.facebook.com/retirodogeres)

### Restaurante Fojo dos Lobos

Rua da Portela do Monte, 10  
Fafião - Cabril

Tel.: 253 658 495

[www.facebook.com/restaurantefojodoslobos](http://www.facebook.com/restaurantefojodoslobos)



veram no exterior para preparar a comida. Regressaram ao lugar devido numa cozinha “tradicional do Barroso” (representada em Lapela por Maria Taborda, povoada de figuras femininas) - bem sob a enorme chaminé, sobre as achas (hoje apagadas) dispostas no chão de granito, diante do indispensável escano. Não faltam as copeiras (recantos de pedra nas paredes, como armários), forno a lenha, forno do pão e utensílios diversos, “alguns originais outros reproduções”, sublinha José Miranda.

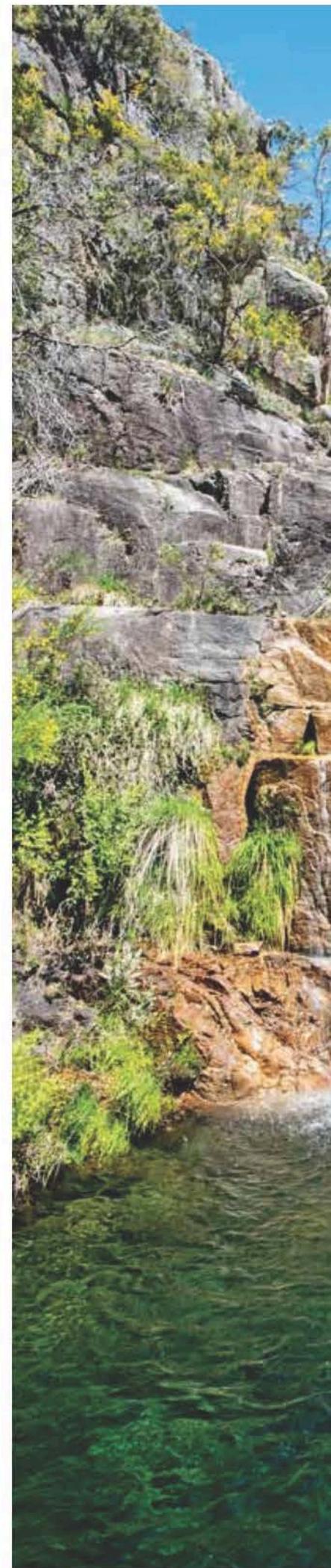
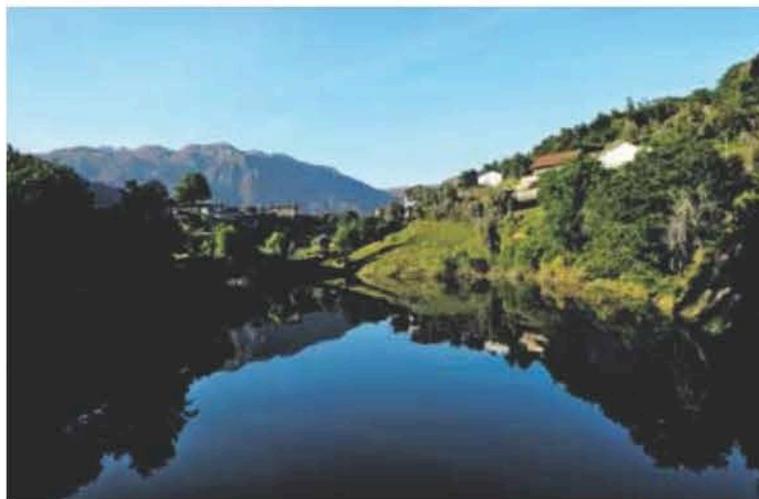
O pólo do Ecomuseu do Barroso em Fafião é, sem surpresas, dedicado à “Vezeira e Serra” e funciona como “uma espécie de porta do PNPG”, com informação sobre actividades na região, e “uma ponte com cada vez mais empresas de animação turística que vêm do Porto com turistas internacionais”, explica Júlio Marques, o funcionário que trocou precisamente o Porto pela sua “paixão pelo PNPG”. Nesta aldeia comunitária, frisa, percebeu com a pandemia o quão importante é a entreatada entre vizinhos. “Aqui servimos a popula-

ção, muito envelhecida, tratamos de renovação de documentos, das questões com as finanças, fazemos pagamentos e somos ponte com os serviços de Montalegre e Vieira do Minho”, descreve, “como uma loja do cidadão”. Excepto que aqui é Júlio quem tem as chaves das finanças de todos - durante a pandemia, conta, o centro interpretativo fechou mas ele permaneceu em Fafião a ajudar: “Trato de tudo e estou sempre à disposição”, afirma, “a vida aqui é muito difícil, árdua. Todos os dias as pessoas passam na rua, no mesmo sítio, à mesma hora. Se têm, por exemplo, um problema com a televisão, nem que sejam sete da tarde, vão para a cama. Eu disse-lhes que qualquer coisa que precisem, a qualquer hora, estou disponível.” Também é guia nas rotas temáticas promovidas pelo ecomuseu, e que invariavelmente se adentram pela natureza, e ajuda no marketing, a sua formação.

A sala mais impressionante deste centro interpretativo é o auditório. Uma das paredes está coberta por um mosaico de fotografias de grande formato: são

retratos dos habitantes de Fafião ao longo dos últimos anos - alguns nas suas actividades, outros apenas a posar. São rostos invariavelmente rugosos, curtidos, cansados - “É também dedicado aos emigrantes que voltam e gostam de lembrar as pessoas, algumas já faleceram”, nota Júlio. A sala de exposições, no primeiro piso, é ocupada, quando não há mostras temporárias, por painéis de continuidade, onde se exibem as actividades da população: estão lá a vezeira, claro, a matança do porco, a pastorícia, o trabalho no campo, a cozedura do pão.

É no equilíbrio entre estas tradições e a natureza que as embalou que Márcio Azevedo vê o futuro de Cabril. “Procuramos investimento externo e também mostrar às pessoas daqui que é possível viver do turismo”, explica, “são desconfiadas, têm de ver para crer”. “Aos poucos”, reconhece, “sinto que Cabril está a ganhar vida”. Quer um “turismo sustentável”, que se faça com vagar e sem multidões - afinal, este não é o Gerês conhecido.





# Pés ao caminho que aqui há cascatas e lagoas (em várias declinações de verde)

● Cabril e a sua montanha parecem ter-se engalanado para nos receber - mas está na sua natureza esta maneira de se vestir na Primavera. Parece que estamos a ver em *technicolor* o cenário telúrico que a cada curva da estrada se desvenda pintado de verde e rosa, manchado por sombras graníticas que mais vezes do que menos irrompe em penedias rochosas. Aqui e ali surgem bosques, mais pequenos, maiores; aqui e além leiras, sinais da persistência humana em terra agreste. As aldeias irrompem, como que penduradas nas várias alturas (e vai de 300 a 1200 metros) em que se desenvolve esta freguesia de Montalegre. Entre elas, a natureza avassaladora, que ora se exhibe ora se esconde em “segredos” que são a lembrança constante do ADN destas paragens: não faltam cascatas e lagoas em cores que se declinam entre o azul-turquesa e o verde-água, rios e ribeiros como vasos sanguíneos que correm à flor da pele ou subterrâneos - pode não ser o Gerês conhecido, apontam-nos constantemente, mas é Gerês de corpo inteiro. Que pede pés ao caminho.

Antes, porém, uma janela idílica: a Ponte Nova, no Lugar da Vila, com vista para o que é uma espécie de composto das paisagens de Cabril. Olhamos para um vale verdejante, a igreja de um lado, o casario que vai subindo abrigado pela Surreira do Meio-Dia (uma espécie de relógio natural: ao meio-dia os raios entram numa fenda), um gigante rochoso que nos acompanhará de forma persistente - tudo reflectido nas águas plácidas do rio Cabril.

Durante o Inverno não é assim, contam-nos. Durante o Inverno os rios revoltam-se e “a montanha chora” - as cascatas naturais são acompanhadas por muitas outras que derramam água sobre a terra. Durante o Inverno “há dias e dias” em que não se vêem as montanhas, nem sequer a Surreira do Meio-Dia, essa barreira mesmo diante de nós, “o nevoeiro está como que pousado”.

Mas neste dia de Primavera a fingir-se Verão a praia da Barca (com um edifício inacabado a roubar-lhe espaço e a emprestar-lhe um ar de certo abandono, embora até haja

mesas e churrasqueiras e árvores acabadas de plantar - “quisemos reproduzir um pouco do que há no parque nacional”, explica Márcio Azevedo: há bétulas, carvalhos, medronheiros, nogueiras-bravas, cerejeiras...) até já tem banhistas. Ambos de ali mesmo, do lugar da Vila: e se fosse mesmo Verão, o mais certo era estarem do outro lado do rio, noutra pequena península, a que chamam Bustelinho - a essa poucos chegam (é preciso caminhar), esta enche-se de turistas, contam Diana Pereira e João Mendes. Funcionam como uma espécie de guias turísticos de Cabril instantâneos: têm de ir ao miradouro de Fafião ver o pôr do Sol e às Sete Lagoas, “tem um caminho longo, mas é literalmente em cima da serra”, descrevem.

Já avistáramos a praia da Barca e toda a bacia caprichosa aqui desenhada no encontro do rio Cabril com o Cávado (“amparados” pela barragem de Salamonde) de outro miradouro, o de São Lourenço. “Um miradouro natural, sem intervenção”, como sublinhara o presidente da junta, passada uma estrada florestal. Na verdade, a freguesia, disposta como está em patamares, é pródiga em “miradouros” - tão naturais como parar à beira da estrada.

O de Fafião é, na verdade, um dos mais impactantes. Chegamos já o pôr-do-sol vai adiantado, depois de uma subida que nos leva de um parque de merendas até ao topo rochoso - e caprichoso: o miradouro é uma estrutura elegante que no topo de uma fraga onde se chega depois de atravessar uma pequena ponte suspensa. Nas redondezas, o Poço Verde é o local que os turistas que quase diariamente chegam do Porto não perdem, dizem-nos: um conjunto de lagoas repousa entre rochas, num vale abrigado por carvalhais e pinhais.

Para aí chegar, o percurso de ida e volta é de sensivelmente dois quilómetros, a partir do parque de merendas - mais é preciso para chegar aos Poços Verdes de Sobroso, popularmente conhecidos como as Sete Lagoas. O carro fica à entrada da aldeia de Xertelo e o percurso, circular, está assinalado - PR9 MTR, →

**Cabril até pode não ser “o Gerês mais conhecido”, mas não esconde o seu ADN: é Gerês de corpo inteiro. À esquerda, a cascata de Cela Cavalas; na página seguinte, os Poços Verdes de Sobroso**

## Gerês



cerca de 12 km. Também se pode optar por chegar às lagoas e regressar pelo mesmo caminho que nos leva a passar por um moinho vertical recuperado (há outros em Cabril à espera da mesma sorte) - funciona com a força da gravidade e era uma forma de aproveitar a água das levadas que atravessam o território (e ainda acompanham parte do percurso), pelo mais recente miradouro de Cabril - o do Fojo do Lobo de Xertelo, uma plataforma de metal com vista para o Fojo do Lobo e para uma paisagem montanhosa onde se avistam as eólicas que desenham o dorso da serra da Cabreira, por várias mariolas e até uma silha de ursos. As sete lagoas estão no fundo de um vale, como que bacias dispostas em degraus que as rochas desenham - não há sombra aqui, o sol descarado ilumina as várias tonalidades da água e as rochas onde, no Verão, se estendem toalhas.

Se a água aqui como que vai deslizando entre os patamares rochosos, entre as aldeias de Lapela (onde, no final do século XV, nasceu João Rodrigues Cabrilho, ou Juan Rodriguez Cabrillo, como também ficou conhecido por ter estado ao serviço da coroa espanhola, tendo, por exemplo, realizado a primeira viagem de exploração da costa californiana - a sua casa é um dos pontos a visitar) e Cela há uma daquelas cascatas que nos trazem à retina paragens mais

tropicais. O caminho mais próximo (a partir da aldeia de Lapela são menos de 5km, ida e volta) é feito entre arvoredo denso, saltando ribeiros, até que uma clareira se abre: diante de nós, uma parede rochosa e caprichosa de onde caem vários “trilhos” de água em duas lagoas verdes, praticamente unidas - numa o verde é mais intenso, na outra é transparente. É do alto que melhor se observa este efeito: um caminho íngreme, que passa pelas ruínas de um moinho, conduz-nos até ao início do “precipício” e a outra lagoa novamente tingida de vários verdes entre o granito polido das rochas.

Outro verde, menos líquido e com uma aura quase mística, é o que encontramos no Santuário da Senhora das Neves - melhor, a rodear a capela (de 1720): um bosque centenário de medronheiros, (que no Outono se veste de laranjas, vermelhos e amarelos), também parque de merendas, parece ancorar o local num passado distante e pagão.

Não “coleccionamos” todas as cascatas e lagoas de Cabril - a de Pincães, por exemplo, ficou de fora; tão pouco percorremos todos os trilhos que atravessam a freguesia, sempre nessa simbiose entre a cultura e a natureza - o que significa que ainda há muito caminho para andar: para os visitantes e para o turismo de Cabril, uma espécie de lado B do PNPG. **A.M.P**

*Entre 1 e 3 de Julho,  
o Festival Aldeia  
dos Lobos celebra a  
ligação ancestral  
entre o homem e o  
lobo neste recanto  
do Parque do Gerês*



## Fafião Um festival de três dias que veste a pele do lobo



● Em Fafião é impossível não falar do lobo. Desde logo porque uma das suas grandes atracções é precisamente o fojo do lobo, a armadilha ancestral onde este era encurralado, que nos conta da batalha constante entre as populações e o lobo-ibérico que ainda hoje habita o PNPG: além da estrutura que se mantém como uma das mais bem preservadas da Península Ibérica, dá nome a um dos restaurantes locais e a um café-bar - e numa das entradas da aldeia está uma estátua deste, em ferro forjado. Mas aquele que foi durante séculos um inimigo é visto hoje com outros olhos - e, nos últimos anos, Fafião transmuta-se. Durante três dias, veste-lhe a pele e torna-se em Aldeia de Lobos, um festival que visa chamar a atenção para a necessidade de preservação da espécie ameaçada. “O que nem sempre é fácil, numa aldeia aqui no PNPG”, reconhece Eugénio Fernandes, da organização do festival, que é uma das muitas actividades promovidas anualmente pela Associação Vezeira (criada em 2010 para dinamizar a aldeia e preservar o seu património imaterial).

Mas essa é, na verdade, “uma das missões principais” da associação, aponta Eugénio. Especialmente premente numa aldeia em que “aquilo que era existe ainda”, diz, referindo-se precisamente ao fojo do lobo (que até é um dos palcos do festival). É

necessário mudar mentalidades, aponta: “Neste momento, as pessoas estão mais consciencializadas do que é preciso ser feito”, refere - “eles [lobos] não vão deixar de matar, mas é preciso perceber que tudo tem de ter o seu espaço”.

Foi (também) com o olho posto nesta missão que a associação recuperou a vezeira das cabras, “sabendo que o lobo vai comer algumas” (“há dois anos ia ser extinta”, conta Eugénio, “já não havia animais suficientes” e restavam dois pastores, “de idade avançada”: a associação comprou 200 animais e contratou um funcionário a tempo inteiro) e, em 2018, criou o Festival Aldeia de Lobos, para “prestar um tributo etnográfico, antropológico e cultural da ligação do lobo ibérico ao ser humano”. Este ano, o festival terá pela primeira vez três dias de duração (entre 1 e 3 de Julho) e, como nas edições anteriores, invadirá toda a aldeia - um baloiço pendurado numa oliveira numa das ruelas da aldeia ainda é herança da primeira edição, por exemplo. Aproveitando a ausência do gado (que está em transumância pelas alturas da serra), as cortes são transformadas em galerias de arte - este ano, estão já confirmadas as presenças de Catarina Vale, Mundo Mínimo e Humberto Borrallheira -, haverá intervenções artísticas nas paredes das casas; uma zona coberta de lajes rochosas, conhecida como a “eira da galega”, com vista sobre o casario e paisagem em redor, voltará a ser a “zona zen e de sunset” (na última edição, em 2019, escutou-se aqui didgeridoo, recorda Eugénio); haverá zonas de *merchandising*, uma “adega” com “produtos da terra” e não faltará uma “praça de alimentação”.

Durante o dia, arruadas vão animar a aldeia e *workshops* vão dar a conhecer tradições locais - uma das quais se cumprirá em estilo, a queimada luso-galaica, herança celta para expulsar os males. À noite todos os caminhos (iluminados por “tochas”) darão ao fojo do lobo (estrutura de pedra com paredes convergentes que, com 64 metros de comprimento, 2,17 de altura e um diâmetro médio de 60, constitui a maior da Península Ibérica) - não em batida ao lobo, mas acompanhando a batida musical que conduzirá todos os visitantes ao palco de concertos (e *sets* de DJ), montado do lado de fora das paredes do fojo, no seu ponto mais elevado. Entre o palco principal, o espaço *zen* e as arruadas, está confirmada a presença de 14 projectos musicais, que vão das sonoridades mais tradicionais à electrónica. Os lobos não andarão à solta, mas, pelo menos durante três dias, ninguém terá medo deles em Fafião. **Andreia Marques Pereira**